



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR**

**REVISITANDO RAÍZES: A IDENTIDADE CORDELÍSTICA NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

**ALTAMIRA-PA
2025**

**REVISITANDO RAÍZES: A IDENTIDADE CORDELÍSTICA NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

ELETICIA COSTA DE CASTRO

Trabalho de Conclusão de Curso, realizado no formato artigo, apresentado à Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rafaella Capela Leão

**ALTAMIRA-PA
2025**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C355r Castro, Eleticia Costa de.
Revisitando raízes: A identidade cordelística na formação
docente / Eleticia Costa de Castro, . — 2025.
27 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Rafaella Capela Leão
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Letras –
Língua Portuguesa, Altamira, 2025.

1. Gênero literário. 2. Cultura Popular. 3. Identidade
nordestina..

CDD 016.8699

REVISITANDO RAÍZES: A IDENTIDADE CORDELÍSTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Eleticia Costa de Castro¹
Universidade Federal do Pará – UFPA
eleticia.castro@altamira.ufpa.br

Rafaella Capela Leão²
Universidade Federal do Pará – UFPA
rafaellaleao@ufpa.br

RESUMO: Este artigo implica-se em estudos situados no campo teórico e prático referente à literatura de cordel. O aporte teórico é fundamentado em Abreu (1999), Matos (1994), Batista (1929), Luciano (2011), Cascudo (2006), Romero (1888) e outros importantes autores clássicos e contemporâneos. O intuito deste estudo é apresentar a contribuição da identidade cordelística na formação docente, reconhecendo a importância de trazer a Literatura de Cordel no ensino. Assim, essa pesquisa se constituiu em caráter autoetnográfico de natureza qualitativa, demonstrando como a identidade cordelística pode refletir nas ações/práticas pedagógicas, isto é, como as raízes culturais de um povo, especificamente, arte popular pode ser levada e aplicada no contexto escolar. O resultado deste trabalho destaca a importância de valorizar a cultura popular e a literatura de cordel como uma forma de preservação da memória, da identidade cultural e da história de parte da sociedade, além de incentivar a utilização da literatura de cordel como um possível recurso didático em sala de aula.

Palavras-chave: Gênero literário, Cultura popular, Identidade nordestina.

ABSTRACT: This article engages in studies situated within the theoretical and practical field of cordel literature. The theoretical framework is grounded in the works of Abreu (1999), Matos (1994), Batista (1929), Luciano (2011), Cascudo (2006), Romero (1888), and other significant classical and contemporary authors. This study aims to present the contribution of cordel identity in teacher education, recognizing the importance of incorporating Cordel Literature into teaching. Thus, this research adopts a qualitative autoethnographic approach, demonstrating how cordel identity can influence pedagogical actions and practices, highlighting how the cultural roots of a people, specifically popular art, can be integrated and applied in the school context. This study emphasizes the significance of valuing popular culture and cordel literature as a means of preserving memory, cultural identity, and the history of a segment of society. It also advocates for the use of cordel literature as a potential didactic resource in the classroom. The findings suggest that integrating this genre into educational settings can enhance students' appreciation of their cultural roots and promote awareness of regional narratives.

Keywords: Literary genre, Popular culture, Northeastern identity.

¹Graduanda em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira.

² Professora na Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, UFPA, Campus Universitário de Altamira.

1 INTRODUÇÃO

*“Uma forma tão bonita
De se escrever poesia
Um alimento pra alma
Escrito no dia a dia
Toma poeta a Caneta
Externa tua alegria...”
(João de Castro)³*

Ao falarmos sobre a literatura de cordel no Brasil, é importante revisitar alguns momentos que a moldaram e a firmaram ao longo dos anos. Isso implica mergulhar em uma série de acontecimentos e informações específicas que contribuíram para a formação e consolidação da literatura de cordel. Nesse sentido, realizar um retorno ao passado nos permite visualizar o surgimento da literatura de folhetos em solo brasileiro por diferentes perspectivas, além de reafirmar e/ou reforçar algumas noções básicas sobre ela que pode ser novidade para alguns e para outros nem tanto.

Sabemos que por muito tempo, estudos voltados para esse tipo de literatura foi extremamente limitado e até mesmo escasso em nosso país, prova disso foi quando finalmente alguns estudiosos movidos pelo interesse ou curiosidade escreveram algo a seu respeito, na maioria das vezes não foi dado ao cordel o enfoque necessário e ele seguiu sendo mencionado ou estudado sem muita profundidade. Geralmente, o cordel assim como tantas outras manifestações da cultura popular, são atrelados a ideia de não terem condições de ser trabalhados sozinho, e isso se perpetuou por um longo tempo.

Observando o cenário atual, percebe-se que, embora os estudos e pesquisas sobre a literatura de cordel tenham avançado significativamente, ainda existe espaço para expandir a compreensão e o reconhecimento de sua importância e singularidade. Afinal, algumas pessoas ainda não tiveram a oportunidade de se familiarizar com essa tradição literária ou explorar sua profundidade cultural.

Para os que acreditam na sua força e potencial, é essencial promover o interesse por esse gênero literário popular e, por conseguinte, valorizar os artistas que o representam, assegurando sua presença viva na memória, na história e na contemporaneidade. Como disse Candido (2006, p.47) “Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor”.

³ CASTRO, João de. Dia da poesia. In: CASTRO, João de (org.). “Nós” poetas Amazônidas: antologia poética. Belém: ed. do Autor, 2019. p. 57.

Este trabalho propõe uma dupla revisitação: ao mesmo tempo que revisitaremos a trajetória da literatura de cordel no Brasil e no estado do Pará, também revisitaremos as raízes de uma das autoras. Dessa confluência, emerge o objetivo da nossa pesquisa, mostrar a contribuição da identidade cordelística na formação docente. Este estudo está fundamentado em Abreu (1999), Batista (1929), Luciano (2011), Cascudo (2006), Romero (1888), Hall (2006) e outros importantes autores. Através de reflexões acerca dessa manifestação artística e da construção da identidade, é possível perceber como ambas se entrelaçam, revelando conexões profundas que se manifestam na narrativa e nas experiências acadêmicas da pesquisadora.

Este trabalho vai além dos padrões acadêmicos convencionais, apresentando uma escrita sensível e subjetiva que estabelece um diálogo profundo entre literatura, história, cultura, memória e identidade. No decorrer da leitura deste trabalho, o leitor conhecerá alguém que ama poesia, falando sobre a poesia que ama, bem como as contribuições que trouxe ao longo da sua formação docente.

2 A LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Se pararmos para refletir perceberemos que em meio a dúvidas, desinformações e opiniões acerca desta manifestação artística existe um denominador comum, uma certeza coletiva que conecta várias opiniões. A certeza é que aqui no Brasil, o cordel tem raízes nordestinas e que do Nordeste essas raízes se espalharam e se firmaram em várias outras regiões brasileiras. Assim, faremos um panorama geral de todo o percurso dessa produção cultural, através de um breve retorno no espaço e no tempo, observando a percepção de importantes autores clássicos e contemporâneos acerca dessa temática. Convém ressaltar que essa parte inicial do trabalho será dedicada especificamente à literatura de cordel no Brasil, tendo como ponto de partida o seu surgimento no final do século XIX, com Leandro Gomes de Barros como precursor. Nossa abordagem se concentrará na sua evolução e características no contexto brasileiro, priorizando a sua trajetória e desenvolvimento no país.

A data que marca o início da literatura de Cordel no Brasil não é exatamente precisa, mas podemos dizer que foi entre 1893 e 1895, período em que foram registrados os primeiros escritos de Leandro Gomes de Barros. Esse feito o consagrou e lhe deu o título de pai de uma literatura vasta e completamente rica. A respeito de Leandro Gomes de Barros e sua importância para o cenário cordelístico no Brasil, Francisco das Chagas Batista, membro da primeira geração de poetas populares e também um dos primeiros editores de cordel escreveu:

Foi o fundador da popular literatura poética de cordel no Nordeste. Escreveu cerca de mil folhetos de versos populares, tendo tirado dos mesmos mais de dez mil edições. Leandro manejava a sua veia poética com fantástica facilidade. Foi um escritor que viveu exclusivamente de sua pena — caso raro no Brasil. (Batista, 1929, p. 114)

Suas primeiras publicações foram um impulso para outros poetas que por sua vez passaram a admirar ainda mais essa literatura e também a imprimir e publicar suas obras, expandindo os folhetos nordeste afora. Batista (1929, p.115) destaca que: “A custa de seus versos surgiu centenas de cantadores e folhetistas empavonados, onde ao menor lance de vistas, ressalta a autenticidade do seu gênero poético”. Entretanto, isso não quer dizer que antes de Leandro Gomes de Barros, outros poetas não tenham produzido cordéis. Mas o fato dele ter esses materiais registrados, impressos e publicados lhe dá credibilidade o suficiente para assumir essa paternidade de forma espontânea.

Vale destacar também, a importância da impressão e publicação dos folhetos no processo de crescimento dessa literatura, visto que a partir dessa ação o seu alcance atingiu grandes proporções, segundo Giddens (2002, p.29) “Materiais impressos atravessam o espaço tão facilmente quanto o tempo porque podem ser distribuídos para muitos leitores mais ou menos simultaneamente”. E isso aconteceu, os cordéis ultrapassaram limites e passaram a ser conhecidos e apreciados tanto pela cultura letrada quanto pela cultura não letrada.

Essas produções tão originais diferiam das produções de livros tradicionais, pois eram publicadas em um material simples de baixo custo, dobrado em algumas partes e sem muitas etapas no processo de construção. Por essa razão foi chamado por um longo período de “folhetos” ou “literatura de folhetos” (Abreu, 1999), esse era o meio de divulgação na época.

Na década de 70, momento em que o Brasil vivenciou diversos acontecimentos, inclusive, a ditadura militar e o surgimento de um movimento artístico inspirado na cultura popular nordestina idealizado pelo escritor Ariano Suassuna⁴, os folhetos ficaram em grande evidência e nessa mesma década foi (re)batizado, de acordo com Abreu (1999)

A expressão ‘literatura de cordel nordestina’ passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente. Na mesma época, influenciados pelo contato com os críticos, os poetas populares começam a utilizar tal denominação. (Abreu, 1999, p.17)

⁴ O Movimento Armorial foi fundado por Ariano Suassuna em 1970 e tinha a intenção de realizar uma arte autêntica brasileira baseada nas raízes populares. SESCSP. Disponível em : <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/ariano-suassuna-e-o-movimento-armorial>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2025.

O poeta Aderaldo Luciano, também estudioso da poesia do povo, fala sobre essa nova nomenclatura, segundo ele, “O termo é realmente de origem portuguesa, todavia o produto de Portugal concentra tantas diferenças que julgamo-lho inconsistente quando utilizado para distinguir o cordel brasileiro”. (Luciano, 2011, p.18). Essa afirmação nos leva a uma pergunta importante: Se o cordel produzido no Brasil é diferente do produto literário conhecido como “cordel” em Portugal, qual é o motivo por trás da associação frequente? A resposta é simples e ao mesmo tempo complexa, essa associação não se deve apenas ao fato de compartilharem a mesma expressão que é de origem portuguesa. Na verdade, há um contexto histórico importante. Sílvia Romero, um dos grandes historiadores da literatura brasileira, escreveu: “A literatura ambulante e de cordel no Brasil é a mesma de Portugal” (Romero, 1888, p.343). Essa declaração feita pelo autor para se referir aos textos que vieram de Portugal e foram encontrados por aqui, levou muitos a comparar os folhetos brasileiros que surgiram posteriormente com o cordel produzido em Portugal, ignorando as diferenças entre eles. No entanto, Luciano (2011) argumenta que essa fala de Sílvia Romero não se referia ao cordel nascido no Nordeste, uma vez que, na época em que esse texto foi escrito nenhum folheto havia sido publicado na região “[...] em 1879, quando o autor inicia a publicação de **A Poesia Popular no Brasil**, na Revista Brasileira, ainda não se havia publicado folhetos de cordel no Brasil” (Luciano, 2011, p.14).

Atualmente, estudos comprovam a singularidade dos folhetos brasileiro, uma peculiaridade indiscutível que levou e tem levado muitos estudiosos a ir além e se desvincular de uma visão eurocêntrica e estudar os folhetos brasileiro como ele é, autêntico, complexo e rico, Abreu (1999) em um estudo detalhado que confronta a frequente associação da literatura de cordel brasileira com a portuguesa, mostra em um trecho de uma de suas obras o contraste entre as duas.

Aqui, havia autores que viviam de compor e vender versos; lá, existiam adaptações de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcelas significativas do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criavam sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessavam mais a vida dos nobres cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os editores trabalham fundamentalmente com obras de domínio público. (Abreu, 1999, p. 105)

Como já mencionado, a literatura de cordel possui suas especificidades, características próprias inconfundíveis que lhe dão autonomia o suficiente para não precisar ser vinculada exclusivamente à cultura europeia. Um dos fatores que contribui para sua exclusividade é a

estrutura, o cordel produzido no Brasil possui uma tríade, três regras que são indispensáveis: a rima, a métrica e a oração, qualquer poema que fuja dessa estrutura não será considerado cordel.

De acordo com Abreu (1999), no Brasil, Silvino Pirauá de Lima foi quem contribuiu para essa estrutura fixa que hoje é utilizada por todos os cordelistas, ele foi um dos primeiros a usar a sextilha como recurso no cordel, “No final do século passado, Silvino Pirauá de Lima começou a compor seus versos na forma de sextilhas” (Abreu, 1999, p.84). Esse feito revolucionou a forma como os versos eram escritos.

No começo a Poesia
Popular hoje Cordel
Era em quadras, realmente,
Que usava o Menestrel,
Mas Silvino Pirauá
Um novo sistema dá
De maneira mais fiel. (Cavalcante, 1984, p.3)

Essa nova forma de estruturação dos versos foi bem aceita, segundo o IPHAN (2018, p. 67) “Ao longo do tempo, a sextilha se popularizou entre os cantadores e autores da poesia em verso e, desde então, tem sido a estrutura poética predominante na literatura de cordel”. Mesmo sendo predominante ela não é a única, pois além da sextilha temos a setilha, a oitava e a décima⁵. Essa regularidade na literatura de cordel não é para limitar os artistas, muito pelo contrário, é um recurso que auxilia não só o poeta, mas também aquele que lê ou ouve os poemas, facilitando a não esquecer os versos. A estrutura ajuda no processo de memorização e isso é fundamental em uma sociedade como a nossa que veio e está inserida em uma tradição oral fortíssima. O fato de armazenarmos os versos na mente e repassar, possibilita que o cordel ultrapasse as barreiras da escrita, pois não depende exclusivamente dela para sobreviver ou se perpetuar.

Sabe-se que a regularidade é um auxiliar mnemônico poderoso: assim, a existência de um padrão para a estrutura estrófica, rítmica e métrica é uma ferramenta fundamental. Os padrões fixos auxiliam fortemente a composição dos poemas, atuando como um arcabouço organizador da produção: quando não se pode contar com o apoio do papel, quando não se pode revisar e reescrever, é mais operacional preencher uma estrutura já conhecida do que criar “livremente”. (Abreu, 1999, p. 87)

⁵ Na literatura de cordel esses termos se referem a modalidade da escrita dos folhetos, a setilha é a estrofe que possui sete versos de sete sílabas poéticas, a oitava é a estrofe que possui oito versos de sete sílabas poéticas e a décima é a estrofe que possui dez versos também de sete sílabas poéticas. Disponível em: [Teoria do Cordel - Você Pode Aprender!](#) Acesso em: 24 de março de 2025.

Essa estrutura vem sendo utilizada tanto em textos escritos quanto na declamação desses textos, considerando que a narração oral performática dos versos também é característica forte na literatura popular. Entretanto, mesmo com toda a força da oralidade, a escrita também desempenha seu importante papel, registrando aquilo que a memória guardou dentro desse contexto de tradição oral, mas nem por isso, ela se sobressai ou anula a existência da outra, Zumthor (1993) relata que:

A fixação pela e na escritura de uma tradição que foi oral não põe necessariamente fim a esta, nem a marginaliza de uma vez. Uma simbiose pode instaurar-se, ao menos certa harmonia: o oral se escreve, o escrito se quer uma imagem do oral; de todo o modo, faz-se referência à autoridade de uma voz. (Zumthor, 1993, p.154)

Ao falarmos de voz, não poderíamos passar pela breve história da literatura de cordel no Brasil sem fazermos referência à autoridade de uma voz feminina. Atualmente, muitas mulheres escrevem, declamam e publicam cordéis, porém nem sempre foi assim. Entre 1893 e 1895, marco inicial da literatura de cordel no Brasil, o protagonismo feminino era restrito em várias esferas sociais, e por muito tempo o fazer cordelístico foi um espaço mais reservado à figura masculina.

Em 1938, esse cenário começa a mudar, quando Maria das Neves Batista Pimentel, filha do cordelista Francisco das Chagas Batista, publicou seu primeiro folheto. A afeição por esse tipo de literatura começou desde cedo, essa forte herança cultural herdada do seu pai que nesse quesito era uma referência, lhe deu o gosto e habilidade para a arte do cordel. Oliveira (2016, p.13) destaca que: “Por ser herdeira do “braço poético do Nordeste”, foi, de certa forma, também natural que a cordelista acabasse se dedicando à poesia popular.”. Maria das Neves abriu portas para tantas outras Marias, mesmo publicando os cordéis no nome do seu marido, Altino Alagoano, com receio de comentários atravessados ou da incerteza da aceitação do público da época. A importância do seu pioneirismo na literatura de cordel fez com que outras mulheres se expressassem através dessa manifestação artística, e como resultado, elas seguem ocupando cada vez mais esse espaço, assinam seus cordéis com o seu próprio nome, sem medo de julgamentos e com liberdade para escrever, declamar ou publicar.

Com o passar dos anos, a literatura de cordel ganhou forças, suas raízes se firmaram em terras férteis brasileiras e no ano de 2018, o reconhecimento veio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro lhe foi concedido. Podemos dizer que o cordel está em cada cantinho desse nosso Brasil, Cascudo (2006, p.19) ressalta que “Essa literatura é poderosa e vasta”, tão poderosa e vasta que vai muito além daquilo que sabemos ou nos contaram sobre ela. São muitas as características

que torna o cordel uma literatura única, nos versos do folheto intitulado *Origem da Literatura de Cordel e as suas Expressão de Cultura nas Letras de nosso País* Cavalcante (1984) reforça que,

No Brasil é diferente
O Cordel-Literatura
Tem que ser todo rimado
Com sua própria estrutura
Versificado em sextilhas
Ou senão em septilhas
Com a métrica mais pura. (Cavalcante 1984, p.1)

Essa é uma breve introdução perto de toda a amplitude da história do cordel em nosso país. Muitos são os nomes de cordelistas e estudiosos clássicos e contemporâneos envolvidos no crescimento, divulgação e valorização dessa literatura, vale destacar nomes como:

- João Martins de Ataíde (1880-1959) um dos maiores editores de folhetos do seu tempo;
- Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), o famoso Patativa do Assaré, que até hoje é lembrado devido a sua contribuição para a poesia popular;
- José Alves Sobrinho (1936-2011) responsável por publicações que se tornaram referência na pesquisa em cordel;
- Firmino Teixeira do Amaral (1896-1926) que viveu em Belém do Pará e foi um dos grandes nomes do cordel nortista, além de ser um dos principais autores da editora Guajarina, a maior editora de cordel da região Norte;
- Gonçalo Ferreira da Silva (1937-2022) fundador da Academia Brasileira de Literatura de cordel (ABLC);
- Bráulio Bessa (1985) um dos grandes nomes da atualidade que tem propagado o cordel para um público diverso, inclusive a juventude que nem sempre se interessou ou se interessa por esse tipo de literatura;
- Marco Haurélio (1974) que além de cordelista é também pesquisador da literatura de cordel e do folclore brasileiro.

Além desses existem tantos outros nomes que fizeram e fazem parte dessa história, que cultivaram e cultivam essa literatura com tanto empenho e zelo, reforçando a sua importância, o seu valor e reivindicando o seu merecido lugar no cenário literário contemporâneo.

3 A DISSEMINAÇÃO DO CORDEL NO ESTADO DO PARÁ

O Pará é um estado diverso, o multiculturalismo que se revela de forma intensa nos conta um pouco dessa região, uma história que se constituiu pela influência de diversos povos e culturas, incluindo os povos nordestinos.

Anteriormente, falamos a respeito da literatura de cordel no Brasil, que as suas raízes são nordestinas. Nesse sentido, surge o seguinte questionamento: O que contribuiu para a disseminação do cordel no estado do Pará? Citaremos aqui dois acontecimentos que viabilizaram essa propagação: o ciclo da borracha (1879) e a abertura da transamazônica (1970). Esses dois períodos da história brasileira marcaram a migração massiva dos nordestinos para o território paraense. O discurso colonizador de integração que se pregava na época iludiu e arrastou muitos nordestinos para essas terras. Mas como não iludiria?

Se pensarmos em um povo que está à beira da morte, vivendo em condições de extrema vulnerabilidade, sendo constantemente ameaçados pela seca e pela fome, todo discurso que ofereça o mínimo de esperança se tornará uma opção capaz de transformar qualquer nativo em um migrante.

A situação do povo nordestino entre os séculos XIX e XX não era nada favorável, a busca por melhorias se tornou um impulso que lhes deu coragem para arriscar-se em terras desconhecidas, esse deslocamento para novas terras ganhou força durante o ciclo da borracha, de acordo com Reis (1953):

Por esse tempo, o Nordeste ardia nas agruras de uma seca violenta, que lhe esgotava os mananciais d'água, matava as culturas e o gado, aniquilava a população dos sertões, forçando a retirada de milhares de indivíduos, que padeciam os horrores de um verdadeiro inferno. Para a Amazônia, deslocou-se, em poucos meses, um quase milheiro. (Reis, 1953, p.34)

As pessoas que iam chegando firmavam as suas raízes neste chão, não porque era o paraíso prometido, mas porque por inúmeros motivos ficavam impossibilitados de retornar para o seu lugar de origem. O jeito era se adaptar e encarar a nova realidade que lhes fora apresentada, assim, foi se desenhando um pouco da sociedade nordestina na região amazônica.

A sociedade que se criava na Amazônia era uma sociedade que vivia por entre altos e baixos, em degradação, aviltamentos, ou sobrepondo-se ao meio bárbaro, em atitudes marciais ou gestos de virilidade muito comuns nos organismos sociais que se constituem nessas fases de transição da instabilidade para a estabilidade. Ora a Amazônia era o Inferno Verde, onde o homem, cercado de riquezas, afundava na terra encharcada, no pantanal dos vícios e da indignidade, padecendo sofrimentos físicos e morais sem conta, ora um velocino de ouro, um mundo encantado que os mais ousados, os mais afortunados, ou onde todos tinham a sua grande oportunidade para o êxito material que é um sonho universal. (Reis, 1953, p.63)

O próximo deslocamento em grande escala aconteceu durante a abertura da Transamazônica, muitos vieram e ficaram, trouxeram na bagagem sonhos e esperança, contribuíram também para a multiculturalidade local, apesar de estarem longe de casa decidiram fazer da região Norte seu novo lar, agregaram as novas experiências e saberes, mas não se desvincularam de características que formaram suas identidades, na visão de Brayner (2007):

[...] uma pessoa que migrou do sertão nordestino para uma cidade grande do Sudeste certamente vai assimilar novos hábitos e costumes, talvez até mude algumas de suas crenças e valores, mas é muito provável que conserve traços e apego à sua cultura de origem, o que a tornará ao mesmo tempo próxima, mas por outro lado, diferente das pessoas que permaneceram em sua terra natal. (Brayner, 2007, p.9)

A literatura de Cordel foi um desses traços de apego à cultura de origem que foi conservada e se disseminou mesmo em terras longínquas. A chegada de nordestinos que traziam na bagagem a tradição dos folhetos foi abrindo espaço para essa manifestação artística que logo encontrou meios para se expandir, um desses meios que contribuiu significativamente para a sua expansão no estado do Pará foi a criação de uma editora, visto que já existia na região a procura e o consumo desse tipo de literatura. Segundo Neto (2024, p.16) “Esse mercado consumidor em potencial vai estimular o Pará a ter uma editora própria de folhetos, a editora Guajarina, fundada no ano de 1914 pelo pernambucano Francisco Lopes”.

Francisco Lopes, o fundador da editora, e Firmino Teixeira do Amaral, um dos principais autores da editora Guajarina, foram alguns dos nomes que ampliaram o alcance do cordel na região Norte, e em pouco tempo a editora passou a ser uma referência. Em 1949, trinta e cinco anos após a sua fundação e apenas dois anos após a morte do seu fundador, a editora encerrou as atividades e fechou as portas⁶. Todavia, a semente já havia sido lançada, e as raízes já estavam profundas. Trinta e cinco anos foi o suficiente para que a editora deixasse o seu legado e contribuísse para o crescimento da literatura de cordel no estado do Pará. Ao longo dos anos, muitos outros nomes foram surgindo e o cordel passou a ocupar diversos espaços, chegando em vários municípios paraenses até mesmo naqueles que se encontravam à margem. Esse seu avanço considerável se deu devido a sua adaptabilidade e fácil acesso, se as grandes editoras não queriam ou não tinham mais o interesse em publicar esse tipo de obra, o cordelista publicava

⁶ Com a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) e a consequente dificuldade na compra de papel, a editora entrou em crise, que se aprofundou com a morte de Francisco Lopes, em 1947. Após a morte de seu fundador, a Guajarina foi adquirida por N. A. Souza, que deu continuidade na publicação de alguns folhetos, porém, a editora não resistiu à crise com que passava e em 1949 encerrou suas atividades. MEMÓRIAS DO CORDEL. Editoras do Cordel #2 - Guajarina. Disponível em: <<http://memoriasdocordel.blogspot.com/2013/02/editoras-do-cordel-2-guajarina.html>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2025.

de maneira independente, caso não conseguisse executar tal feito, a transmissão oral dessa poesia dava sequência ao seu crescimento e divulgação, alcançando e cativando desde as pessoas de mais idade até os mais jovens.

Recentemente, a história do cordel no estado do Pará ganhou um novo capítulo. No ano de 2018 foi fundada a Academia Paraense de Literatura de Cordel (APLC), tendo como um dos idealizadores o grande poeta, escritor e compositor Cláudio Cardoso (1962-2020), ele também foi um dos criadores do "Encontro dos Cordelistas da Amazônia".

[...] Cláudio Cardoso idealizou a criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel (APLC). A APLC foi fundada em 9 de janeiro de 2018, tendo Cláudio Cardoso como o seu primeiro presidente e o poeta Francisco Mendes com o cargo de vice-presidente. Inspirada na Academia Brasileira de Letras, a função da academia era reunir os poetas de cordel do Pará, estimular a produção de cordel e difundir a cultura da literatura de cordel, principalmente nas escolas. (Neto, 2024, p.22)

Além do poeta, Cláudio Cardoso, outros nomes propagaram e ainda vêm propagando o cordel por todo estado do Pará, como é o caso do escritor brasileiro Antônio Juraci Siqueira (1948), um paraense apaixonado por literatura que acrescenta no cordel a essência da região Norte. É, popularmente, conhecido como "o boto" ou "filho do boto", em 2018 recebeu o título de patrimônio cultural vivo pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, a sua importância e o seu empenho para o crescimento e fortalecimento da poesia na região amazônica foi e tem sido fundamental.

Não poderíamos deixar de citar também o poeta pernambucano/paraense João de Castro, a sua contribuição para a disseminação da literatura de cordel neste estado também é indiscutível. Desde 1972, ano em que chegou na cidade de Altamira-PA, vêm desenvolvendo na região da Transamazônica e Xingu ações que fortalecem e dão visibilidade para essa manifestação artística. Essa sua iniciativa de resgatar, preservar e difundir por todo o Pará a literatura de Cordel, gerou muitos frutos na região. Com o passar dos anos muitos cordelistas foram surgindo e se tornando parte dessa história, a título de exemplo, podemos citar o caso de Manoel José Leite, natural de Palmeira dos Índios-AL. Em 1973 impulsionado pelo discurso de colonização que prevalecia na época, veio e se estabeleceu às margens da Transamazônica, temos também mulheres fortes que integram essa história, como Maria Ivonete Coutinho que veio junto com a família em 1972 para a região da Transamazônica e desde então têm concretizado importantes projetos que valorizam a poesia como expressão cultural da região do Xingu, temos também, Simone Carla, atual presidente da Academia Transxinguana de

Literatura de Cordel, Mariano Gomes Silva, membro fundador desta Academia, e uma série de outros poetas que também tem ajudado a propagar a arte do cordel⁷.

Além dos já mencionados poetas muitos outros tem se engajado, dando voz e espaço para poesia de cordel, ressaltando o seu valor como expressão cultural de um povo que também é único e que traz as particularidades dessa região nos versos dos folhetos.

A literatura de cordel no estado do Pará, como vimos foi uma herança cultural trazida há muitos anos pelos povos nordestinos, essa herança continua sendo repassada até hoje, e contar um pouco da história e trajetória do cordel nessa região nos ajuda a compreender a nossa própria história, nos ajuda a entender a contribuição que os nossos antepassados tiveram para o multiculturalismo regional e conseqüentemente para a propagação dessa literatura tão rica e singular.

4 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA MOLDADA PELO CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DE UM POVO

O ser humano é um ser inteiramente complexo que se reinventa dia após dia, a sua complexidade é resultado da combinação de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. No curso da nossa vida, ocorrem inúmeros processos de transformação e formação que nos moldam e também nos definem como indivíduos. Entre esses processos, destaca-se a formação identitária, uma complexa e dinâmica etapa de construção que se desenrola ao longo do nosso desenvolvimento, influenciado por múltiplos contextos, a título de exemplo, podemos citar o contexto histórico, social e cultural.

Uma pessoa nascida no século XX, provavelmente, vai carregar características que as distingue de pessoas nascidas no século XXI, seja por causa das mudanças tecnológicas, das mudanças na educação, do estilo de vida, e outros. O lugar de origem de um indivíduo também tem impactos significativos na identidade, se a região que nasceu fica no Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste ou Norte, se é na área rural ou urbana, tudo isso vai interferir. Essas situações que muitas vezes nos parecem não ter muita relevância, também tem o poder de nos moldar ao longo dos anos.

⁷ NETO, E. ; VAZ, A.F; CASTRO, E.C. Poetas e Poéticas do Médio Xingu: Panorama Apriorístico. Marabá: Baraquitã: Revista de Letras e Artes, v.2, n.3, 2023. Pp.92-117. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/baraquitã/article/view/2251> acesso em: 02 de abril de 2025. O artigo traz os desdobramentos de uma pesquisa que realizou o mapeamento dos Poetas e Poéticas do Médio Xingu, dentro deste artigo encontra-se o nome de alguns poetas que se expressam através da Literatura de Cordel.

São inúmeras as circunstâncias do passado que nos acompanham, se conectam com o nosso presente e nos ajudam a entendê-lo. Hall (2006, p.13) vai dizer que a identidade é definida historicamente, e não biologicamente, isso nos mostra que o contexto histórico em que vivemos tem um impacto profundo sobre a nossa identidade, nos mostra também que ela não é formada quando nascemos, por isso, não poderia ser definida apenas biologicamente, afinal, ela é mutável, acontece de maneira gradativa e vai se construindo com o decorrer dos anos. O autor enfatiza que “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (Hall, 2006. p. 38). Essas questões iniciais nos conduzem a um segundo ponto fundamental, uma vez que compreendemos que a identidade é construída ao longo do tempo, influenciada pelo contexto histórico que estamos inseridos.

É do conhecimento da população que o ser humano é um ser social, essa é uma das características que o distingue de outros seres vivos, o ser humano tem a necessidade de interagir e se relacionar. Ainda que determinado sujeito se considere ou seja anti-social, viver em uma comunidade, está incluído em um núcleo familiar irá exigir dele o contato e a interação com o outro. De acordo com Damatta (1997, p.55) a comunidade “[...] não está baseada em indivíduos (ou cidadãos), mas em relações e pessoas, famílias e grupos de parentes e amigos”. Conseqüentemente, por estarmos conectados à comunidade estamos sujeitos a ser influenciados e também a influenciar, ou seja, existe uma troca constante entre o indivíduo e a sociedade ao longo de sua existência.

Nessa perspectiva, Rosa (2006, p. 23) afirma que “O caráter da identidade está, por assim dizer, relacionado com a constituição e com as manifestações dos indivíduos e dos grupos sociais, sempre numa relação com o outro” As relações humanas são fundamentais nesse processo de formação, a partir dessas relações entramos em contato com diversas representações de cultura, com diversas outras identidades, a qual podemos mesmo que temporariamente desenvolver o sentimento de pertencimento a determinado grupo ou grupos sociais. Nesse sentido, Hall (2006) reforça que,

[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2006, p.13)

O fato da formação identitária ser uma construção contínua e dinâmica que envolve a relação com grupos sociais, nos possibilita manter uma ligação com várias culturas que poderão

agregar e contribuir para esse processo. Um processo como vimos, é formado por vários fatores, no entendimento de Brayner (2007):

A identidade de uma pessoa é formada com base em muitos fatores: sua história de vida, a história de sua família, o lugar de onde veio e onde mora, o jeito como cria seus filhos, fala e se expressa, enfim, tudo aquilo que a torna única e diferente das demais. (Brayner, 2007, p.7)

Portanto, compreende-se que existem fatores históricos, acontecimentos, lugares, pessoas, culturas que vão nos moldando e ao mesmo tempo nos tornando únicos. Por isso, revisitar nossas raízes nos ajuda entender como foi ocorrendo esse processo que definiu as particularidades que são nossas características e configuram o nosso perfil dentro da sociedade. Por fim, chegamos a mais um fator essencial, falamos da influência do contexto histórico, social, e agora discutiremos brevemente sobre o contexto cultural.

De acordo com o que já foi destacado, o ser humano é um ser social, mas ele é também ao mesmo tempo um ser cultural. Quando nascemos já estabelecemos contato com a cultura por intermédio da família, nosso primeiro grupo social, conforme vamos crescendo os valores, crenças, normas, costumes, alimentação, rituais, gosto musical, tradições, e outras formas culturais vão sendo repassadas, nós somos reprodutores e produtores de cultura.

A partir dessa perspectiva, podemos mencionar que a tradição literária popular, nesse caso, o cordel, pode ser repassado de geração para geração. Como já citado anteriormente, Maria das Neves Batista Pimentel, uma pioneira na publicação de folhetos de cordel, teve sua formação artística e pessoal influenciada pela herança cultural de seu pai, um renomado cordelista. A exposição precoce a esse contexto cultural lhe incutiu um profundo apreço pela arte do cordel. Ressaltamos a partir dessa constatação que o cordel pode ser também um importante agente na formação da identidade. É muito difícil uma família possuir vínculos com essa manifestação artística e os seus descendentes não os manterem, visto que, essa raiz cultural é tão forte que é capaz de moldar e se tornar característica e marca registrada de um indivíduo. Afinal, ela pode estar diretamente ligada à sua história e à formação da sua identidade, e tudo isso se entrelaça profundamente com a memória, que por sua vez, nos permite buscar e compreender a partir do contexto histórico, social e cultural como a nossa identidade está sendo formada, além de nos ajudar também na preservação dessas raízes culturais. Para Candau (2011, p.19) “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”.

A memória é como uma bússola que nos guia na busca pelo nosso eu, ela nos ajuda a entender como o nosso passado contribuiu para formar quem somos até o momento e quem seremos, sempre poderemos recorrer a ela para tentar compreender essa complexidade em torno da formação da nossa identidade que está em constante construção.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

É natural que toda pesquisa siga um caminho metodológico, já que não seria possível realizar qualquer tipo de estudo sem ter uma direção definida. Com base nesse pressuposto, a pesquisa exploratória em questão foi desenvolvida com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre um tema ou problema, Gil (2008, p. 27) afirma que “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Ainda conforme o autor, pesquisas que tenham esse objetivo “Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas”. O levantamento bibliográfico, exigiu tempo e cuidado para localizar e selecionar livros e artigos sobre a temática, dentre os materiais selecionados para o estudo houve a preocupação em trazer autores clássicos e contemporâneos. Essa integração de diferentes diálogos fornece ao pesquisador e ao leitor uma visão mais ampla do tema. Desse modo, é possível compreender e perceber como as ideias vão se desenvolvendo ao longo do tempo, podendo haver a concordância ou o confronto de opiniões. Essa combinação de pensamentos nos leva a obtenção de novos conhecimentos, quando isso acontece temos a certeza que o trabalho desenvolvido foi realmente significativo.

É uma pesquisa de natureza qualitativa, por se concentrar na compreensão profunda e interpretação de fenômenos sociais, culturais e individuais. Pois ao abordar questões relacionadas à literatura, ao povo e à cultura, é fundamental considerar uma gama de aspectos que demandam uma compreensão mais aprofundada e interpretativa, razão pela qual a figura do pesquisador se torna indispensável. Afinal, é dele o papel de interpretar e analisar os dados coletados, ele tem o poder de conferir profundidade a um trabalho, imprimindo-lhe sua própria essência e perspectiva, o que lhe confere uma dimensão única e autêntica. Oliveira (2011, p.24) destaca que “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. O envolvimento entre o pesquisador e a pesquisa

oferece uma narrativa rica e detalhada sobre determinado assunto, visto que, ele é capaz de reconhecer que todos os dados possuem valor e não devem ser negligenciados.

É uma pesquisa autoetnográfica que analisa experiências pessoais e subjetivas para compreender práticas sociais e culturais mais amplas, possibilitando obter uma compreensão mais profunda e pessoal do fenômeno em estudo. Mattos, Santos e Grion (2024, p.5) trazem o seguinte conceito: “A autoetnografia é, então, um gênero de escrita autobiográfico que exhibe múltiplas camadas de consciência, conectando o pessoal ao cultural”. A própria experiência da pesquisadora, atrelada à sua raiz cultural, lhe permitiu incorporar suas vivências pessoais como uma das fontes de dados para este trabalho. Isso significa que além do pesquisador observar e analisar o fenômeno em estudo de forma objetiva, ele é também ao mesmo tempo o próprio sujeito de análise. Sobre esse método Sá (2024) menciona que,

[...] a autoetnografia se destaca por sua utilização dos sentimentos, da corporeidade e da subjetivação como partes essenciais ao objeto de análise, que durante muitos anos foram arbitrariamente deixados de lado no meio científico positivista. Para a autoetnografia, a personalidade e a afetividade dentro da escrita são os aspectos que trazem uma maior riqueza à análise do fenômeno observado. (Sá, 2024, p. 19)

A realização da pesquisa autoetnografia neste trabalho permitiu uma imersão crítica na minha trajetória, estabelecendo uma conexão entre o individual (minhas raízes e identidade) e o coletivo (minhas ações pensadas para o contexto escolar). Através dessa forma de escrita autobiográfica, que conecta o pessoal ao cultural, pude compreender de maneira mais profunda e sensível o impacto da literatura de cordel em minha trajetória acadêmica e formação identitária. Esse método não apenas contribui para desenvolver as discussões sobre cultura popular, mas também valoriza vivências que podem ser menos exploradas nos estudos acadêmicos convencionais.

A autoetnografia permitiu não só evidenciar a literatura de cordel, mas também mostrar a importância dessa manifestação artística na construção da identidade e na educação, possibilitou uma pesquisa mais humanizada, onde a pesquisadora se tornou parte fundamental do objeto de estudo. De acordo com Sá (2024, p.23) “[...] o sentido último da autoetnografia é o de fazer uma pesquisa imersiva e sensitiva de um fenômeno sociocultural através de narrativas individuais que se reverberam para além do próprio indivíduo”. Apresentar trabalhos que evidenciam a contribuição da identidade cordelística não se restringe a uma experiência individual, pois se insere de forma incontestável no contexto social. Essa manifestação literária transcende o "eu" e se conecta com um legado cultural coletivo, afinal, reflete histórias,

vivências e valores que permeiam a construção identitária de um povo. Ao trazer a literatura de cordel para o ambiente acadêmico em trabalhos que podem se estender para o ambiente escolar reforça-se não apenas sua relevância na formação pessoal, mas também seu impacto na preservação e valorização da cultura popular, ampliando o diálogo entre tradição e ensino.

A escolha por essa abordagem permitiu à pesquisadora explorar sua própria experiência como fonte de conhecimento, suas raízes culturais, fundamentais para a construção de sua identidade, refletidas na execução dos trabalhos ao longo de sua jornada acadêmica.

6 MINHAS RAÍZES, MINHA HISTÓRIA

A escolha por fazer da literatura de cordel o objeto de estudo da presente pesquisa deriva de um forte vínculo de afetividade com esse gênero literário popular. Ao revisitar as minhas raízes compreendo que o cordel sempre esteve presente em minha vida, tendo me acompanhado desde a infância e, com o tempo, se tornado uma parte integrante e fundamental da minha identidade. Falamos anteriormente, que na busca identitária a memória é essencial (Candau, 2011, p.19). Nesse aspecto, exercitarei o ato de rememorar alguns momentos que foram essenciais para a integração da literatura de cordel à minha identidade e para a sua presença em minha trajetória acadêmica.

A minha história se entrecruza com outras, como, por exemplo, a do meu pai, avô e tios, ela está intimamente ligada às raízes familiares. A razão para isso é que inicialmente o grande apreço que desenvolvi pela poesia popular foi através do meu pai, um nordestino com uma inclinação poética, que também havia desenvolvido essa apreciação devido às suas ancestralidades, podemos dizer que eu me enquadro em um desses casos comuns de herança cultural passada de geração para geração.

No tópico 4, discutimos como o contexto histórico, social e cultural em que um indivíduo está inserido interfere no processo da formação identitária. Para nos situarmos melhor é necessário compreender alguns contextos, por isso, inicialmente revisitaremos alguns momentos da minha infância.

O cenário rural foi o pano de fundo da minha infância e adolescência, meu pai originário do interior do Pernambuco e a minha mãe do interior da Bahia foram uma referência importante na contação de histórias, através da oralidade repassaram conhecimentos, tradições, e através da transmissão oral vez ou outra, meu pai arriscava declamar alguns versos que criava no improviso, seria modéstia da minha parte dizer que eu não ficava encantada ouvindo tudo

aquilo. Esses momentos se repetiam com frequência, geralmente à luz de velas ou do luar, uma vez que a energia e a internet naquela época ainda eram uma realidade bem distante para os moradores de uma pequena comunidade da zona rural localizada no município de Senador José Porfírio-PA (Souzel). Esses momentos simples, porém, marcantes, afluíam a minha criatividade. Destaco através desse relato inicial, que a oralidade foi o meu primeiro meio de contato com as narrativas e a poesia popular.

Em um dado momento da minha infância meu pai me falou sobre Patativa do Assaré, o poeta da roça, cujo codinome fazia referência a um pássaro. Essa nova descoberta me impressionou, era incrível e ao mesmo tempo esperançoso pensar que um poeta da roça havia sido tão importante e que a beleza da sua poesia havia sido comparada com a beleza do canto de uma ave. Essa informação ficou na minha mente, afinal, eu não conhecia muitos poetas, e embora não tivesse acesso a bibliotecas, livrarias ou acervos digitais, a partir daquele momento fiquei conhecendo o Patativa do Assaré. Foi a partir da referência que tive do meu pai e das histórias que ele compartilhava comigo que comecei a brincar de fazer poesia, vale ressaltar a importância do núcleo familiar em cada fase da vida humana. O meu primeiro grupo social foi quem desempenhou o importante papel de ouvir e ver as minhas tentativas de criar versos, além de serem os primeiros a vibrar com cada poema lido. Além disso, é fundamental mencionar também a contribuição significativa da escola nesse processo de desenvolvimento da criatividade, visto que ela amplia as possibilidades de expressão em diversas formas, incluindo não só a oralidade, mas também a escrita.

Com o passar dos anos, eu pude perceber ainda mais a grandeza da poesia popular e a complexidade dos desafios enfrentados por muitos estudiosos e artistas, conhecidos e anônimos, que lutam para reivindicar o lugar legítimo dessa forma de arte autêntica do povo nas camadas intelectuais da sociedade. Percebi que os desafios enfrentados são complexos porque dependendo do ambiente e da esfera social a cultura popular pode ser marginalizada, ignorada ou reduzida a estereótipos. A literatura de cordel, em particular, ainda é frequentemente vista de forma deturpada, sendo limitada a uma forma de literatura “menor” ou menos sofisticada em comparação com outras formas de expressões literárias. Matos (1994) menciona que:

Ainda hoje, os círculos literários reservam-lhe um lugar periférico e restrito. Lançam-lhe de passagem olhares polidamente desconfiados, tratando de manter as devidas distâncias. E mesmo assim, há quem ache sem cabimento essa presença descredenciada nos salões ilustrados. Sugere-se que a poesia popular ficaria melhor albergada no terreno da antropologia, da sociologia, quem sabe no da história das mentalidades. Há quem ache, na melhor das intenções, que ela deveria simplesmente

recolher-se ao seu lugar: e que seu lugar é lá fora, ao ar livre, ao sol e ao sereno, na boca do povo. (Matos, 1994, p. 15)

A partir dessa reflexão, é importante frisar que para além do forte vínculo de afetividade com esse gênero literário popular, um dos principais motivos que também me impulsiona a falar sobre a literatura de cordel é a convicção de que a literatura deve ser uma ferramenta inclusiva, capaz de abarcar e representar a diversidade de vozes e experiências humanas. Consegui enxergar neste gênero literário popular essa inclusão, compreendo que apesar de ser complexo ele é ao mesmo tempo simples, da mesma forma que uma pessoa com o mais alto grau de instrução consegue compreender a linguagem do cordel, uma pessoa que teve menos oportunidades também conseguirá compreender.

7 A LITERATURA DE CORDEL NA FORMAÇÃO DOCENTE

Após abrir esse parêntese sobre as minhas raízes familiares e culturais, expondo algumas considerações pessoais sobre essa manifestação artística popular, daremos sequência a uma outra parte importante desta pesquisa autoetnográfica, que aborda a influência da identidade cordelística ao longo da minha jornada acadêmica e sua relação com o meu processo de formação docente.

Ao olhar para trás, percebo que a Faculdade de Letras surgiu como um destino natural, onde a minha relação com a literatura pode se intensificar. A passagem acadêmica me proporcionou um contexto favorável para que eu pudesse incluir a literatura de cordel em trabalhos e projetos. Por compreender a vastidão dessa literatura e que ela pode estar presente em diversos cenários e contextos, consegui integrar essa perspectiva à minha formação, assim, com o intuito de promover ainda mais sua valorização e visibilidade, busquei incluí-la no meio acadêmico para que conseqüentemente venha ser mais incluída no contexto escolar. A título de ilustração, trarei alguns dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da faculdade de Letras.

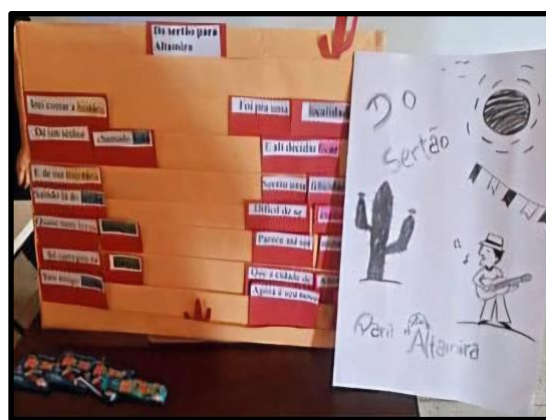
Uma das minhas primeiras propostas foi na disciplina de Tipologia e Gêneros Textuais no Ensino ministrada pela professora Dra Rafaella Leão, a partir do seu Projeto de Ensino intitulado *Vivendo com Letras: linguagem, ensino e formação docente*, que tinha como objetivo o ensino da Língua Portuguesa na perspectiva da Linguística com a criação de projetos didáticos. A partir desse projeto, pude trazer a literatura de cordel como uma inspiração de recurso didático. A ideia foi apresentar de forma simples, algumas características básicas do texto narrativo como, por exemplo, a sua estrutura, personagem, tempo verbal e espaço.

A literatura de Cordel no Brasil possui características próprias e inconfundíveis, isso a gente já sabe, entretanto, vale destacar que cada região do país contribui com sua própria essência, enriquecendo os versos com uma identidade regional única. No estado do Pará por exemplo é comum os versos tratarem de questões ligadas à região, como a influência dos povos originários, a relação com a Amazônia, a cultura local, o modo de vida no interior do Pará e outros temas pertinentes. Por estar inserida nessa realidade de vida na região amazônica, percebo a importância de incluir, dar visibilidade, e tratar de temas relacionados a essa localidade.

Imagem 1: Do sertão para Altamira



Imagem 2: Folheto e quadro de pregas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Essa proposta buscou não apenas ensinar a estrutura de um texto narrativo, mas também apresentar às crianças o universo da poesia popular, por meio da confecção de um folheto em um tamanho maior que o convencional como material didático, e da criação do cordel intitulado “Do sertão para Altamira”. Essa iniciativa foi pensada para que através de um cordel com apenas duas estrofes, fosse possível identificar e visualizar as características fundamentais de uma narrativa previamente apresentada. O objetivo foi proporcionar uma compreensão clara dos elementos narrativos essenciais.

Do sertão para Altamira

Irei contar a história
 De um senhor chamado João
 E da sua trajetória
 Saindo lá do sertão.
 Quase nem levou bagagem
 Só carregou na viagem
 Seu amigo violão.

Foi pra uma localidade

E ali decidiu ficar
Sentiu uma felicidade
Difícil de se explicar
Parece até ser mentira
Que a cidade de Altamira
Agora é seu novo lar.

O cordel com sua interdisciplinaridade e multifacetamento se torna uma ferramenta eficaz para ilustrar e reforçar a compreensão de diversos assuntos. O poema, por exemplo, traz o seu João como o personagem principal, o tempo verbal predominante é o pretérito perfeito e o espaço inicialmente é o sertão e logo após a cidade de Altamira. Mesmo sendo conciso, ele possui uma estrutura clara, com início, meio e fim. Além disso, a história da personagem do seu João abre possibilidades para que os alunos sejam instigados a dar mais detalhes sobre sua trajetória de migração, explorando temas como adaptação, desafios e oportunidades. E nesse exercício de imaginar e criar detalhes adicionais a uma história, a criatividade também é desenvolvida.

Esse Projeto de Ensino desenvolvido por essa professora representou o início desse processo de pensar o ensino por diferentes perspectivas tornando-o mais dinâmico, contextualizado e principalmente significativo para os alunos. A partir dessa visão, consegui desenvolver competências que foram essenciais para colocar em prática a cultura que pulsa dentro de mim. A utilização da literatura de cordel como um recurso didático eficaz em trabalhos acadêmicos e que ao mesmo tempo podem ser aplicados no ensino escolares.

Outras duas características importantes desse gênero literário popular é a interdisciplinaridade e o multifacetamento. O cordel é capaz de se adequar a diversos contextos e situações, além de conseguir dialogar com diferentes áreas do conhecimento e não se limitar a uma única disciplina. Neste sentido, ao explorar suas nuances, pude adquirir uma compreensão mais profunda e ampla de suas aplicações em diversas situações. Nesse momento, percebi que poderia ser desenvolvido em outras disciplinas da graduação.

Outra atividade que desenvolvi e que trouxe essa minha ancestralidade foi na disciplina de Linguística Aplicada, utilizei o cordel como ferramenta para realizar a releitura do conto *A Quadrilha de Jacó Patacho* de Inglês de Souza⁸. A proposta foi recontar brevemente essa

⁸ A Quadrilha de Jacó Patacho é um conto de Herculano Marcos Inglês de Sousa, um escritor que nasceu em Óbidos-PA. A história se passa em terras Paraenses e faz referência a Cabanagem, no século XIX, a narrativa mistura fatos fictícios e reais. O conto narra a tragédia sofrida pela família de Félix Salvaterra, um português que vive isolado no Tapajós. Aborda também o medo ocasionado entre os moradores da Amazônia pelos supostos assassinatos e crimes sexuais cometidos pelo "cangaceiro das águas".

SOUSA, Inglês de. *A Quadrilha de Jacob Patacho*. In *Contos Amazônicos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1893.

história adaptando-a para um novo formato e estilo, mas mantendo a essência da narrativa original, dessa forma surgiu o cordel intitulado *O fim do Cangaceiro das águas*.

O fim do cangaceiro das águas

Em um dia de luar
Escutei uma história
Se foi verdade não sei
Sei que ficou na memória
Talvez até já conheça
Porém antes que eu esqueça
De novo a faço notória.

A noite ia ser longa
E ameaçava chover
Acolheram aquele homem
Mesmo sem o conhecer
Quase não viram sua face
Nem notaram o disfarce
Usado para o esconder.

Ouvi de um certo escritor
Que nasceu lá no Pará
Alguns Contos Amazônicos
Que ele escreveu por lá
Falava o bom português
Era chamado de Inglês
Mas Inglês de Sousa, tá!?

Em um momento da noite
O vilão se revelou
Atacou toda família
Que tão bem o abrigou
Não apareceu herói
Mas como o mal se destroi
O seu fim também chegou.

Me falou de uma família
Que em casa descansava
Sem saber que o perigo
Bem de perto os espreitava
Era um temido vilão
Que não tinha coração
Destruía o que tocava.

Foi como essas tragédias
Que assistimos no jornal
O cangaceiro das águas
Maquinou e fez mal
Dessa forma o conto encerra
Com todos os Salvaterra
Tendo terrível final.

Aquela família simples
Que já ia descansar
Ouviu um certo barulho
Algo estranho pelo ar
Viram de longe alguém
E por parecer do bem
O convidaram a entrar.

A história foi contada
Deixando uma lição
As aparências enganam
Então ouça o coração
Pois o mal pode rondar
Mas só entra no seu lar
Se você der atenção.

A reescrita de histórias regionais em forma de cordel é uma estratégia válida para promover a cultura regional e ampliar o acesso a essas obras, visto que em alguns casos a procura mais forte por esses textos tende a ser feita em grande parte pelo público local, o que pode limitar o alcance para além da região. Sob essa ótica, compreende-se que um texto simples em versos pode despertar o interesse de novos leitores e incentivá-los a conhecer a obra original. Utilizar o cordel para realizar a releitura de uma publicação já existente, possui vários benefícios, como por exemplo, tornar essas obras mais acessíveis a um público mais amplo e realizar uma dupla divulgação, pois, ao mesmo tempo que a obra está sendo divulgada a poesia popular também está.

Seguindo essa linha de cordéis que carregam e abordam características do território finalizaremos essa seção com mais um dos trabalhos apresentados durante a graduação, dessa

vez na disciplina Semântica e Pragmática. O cordel cujo título é *Falando Paraense* retrata de forma resumida a diversidade cultural desse estado que é carregada e refletida também na fala.

Falando Paraense

Meu idioma é o paraense
Meu país é o Pará
Como peixe com açáí
Também tomo tacacá
Pode até ser pavulagem
Porém seria bobagem
Não amar esse lugar

Tem gente que não conhece
Mas acha interessante
Esse jeito de falar
Que às vezes é intrigante
Pois nosso vocabulário
Daria um dicionário
Um dicionário gigante.

Esse estado tão diverso
E tão rico em cultura
Tem vocábulos e expressões
Que revelam uma mistura
De um povo que é forte
Que vive aqui no Norte
E que luta com bravura

A presença dos povos migrantes vinculada à presença nativa gerou uma multiculturalidade no estado do Pará, que se reflete em diversos aspectos da vida cotidiana. Essa mistura cultural é visível no modo de vida, na gastronomia, na música, na poesia e na fala. Através da fala percebe-se um vocabulário rico e diversificado que faz parte também da identidade dos povos que habitam nesta região. Reforçar esses aspectos usando a literatura de cordel é uma forma de preservar e divulgar o que é único e característico da nossa identidade cultural e linguística.

Essa retrospectiva demonstra como a identidade cordelística foi uma presença constante que se fortaleceu ao longo da graduação, refletindo um crescimento e amadurecimento na compreensão e expressão desse gênero literário popular, da própria língua portuguesa e da literatura em geral. Os laços que eu já tinha com a literatura de cordel só se acentuaram mostrando que embora a modernidade venha causando a morte de tradições, é provável que, em alguma ocasião, sejamos chamados a refletir sobre a herança cultural que nos foi transmitida e decidir se vamos preservá-la ou esquecê-la. Caso o esquecimento seja uma das opções

momentâneas, em um dado momento da vida nesse processo constante de construção identitária a memória fará o seu importante trabalho de preservação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das explicações neste trabalho, observa-se que a Literatura de Cordel tem exercido impactos profundos e duradouros desde seu surgimento no final do século XIX, influenciando significativamente a formação identitária de indivíduos e comunidades. Essa identidade que denominamos ao longo deste trabalho de “identidade cordelística”, pode acompanhar o indivíduo ao longo de sua trajetória, moldando sua visão de mundo e até mesmo ações.

A Literatura de Cordel é mais do que apenas uma forma de expressão artística, é um testemunho vivo da história, da cultura e da identidade de um povo, é símbolo de força, de luta, resistência e também criatividade. Esse é mais um trabalho que vem para reforçar o quanto é fundamental que as novas gerações também sejam incentivadas a conhecer e apreciar essa herança, para que conseqüentemente ela seja preservada. Compreendendo que para isso, um passo fundamental é desenvolver metodologias e didáticas que integrem o cordel na sala de aula, permitindo que os alunos se conectem com essa tradição, pois embora o cenário contemporâneo traga mudanças e inovações, não devemos nos esquecer da importância de nossa história, tradições e raízes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.
- BRAYNER, Natália Guerra. Patrimônio cultural imaterial: para saber mais. Brasília: IPHAN, 2007.
- BATISTA, Francisco das Chagas. Cantadores e Poetas Populares. Paraíba: Popular Editora, 1929.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.
- CANDAU, Joel. Memória e identidade. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. Origem da literatura de cordel e sua expressão de cultura nas letras de nosso país (para colégios e faculdades). 1. ed. Salvador: 1984.
- DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

- GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.
- HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. São Paulo: DP&A, 2006.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Dossiê de Registro Literatura de Cordel. Brasília: IPHAN, 2018.
- LUCIANO, Aderaldo. Apontamentos para a história do cordel brasileiro. 1. ed. Fortaleza, CE: Conhecimento Editora, 2011.
- MATOS, Cláudia Neiva de. A Poesia Popular na República das Letras– Sílvio Romero folclorista. Rio de Janeiro: UFRJ-FUNARTE, 1994.
- MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; SANTOS Alessandra dos; GRION Valentina. Autoetnografia: self, identidade e reflexão como categorias de análise em etnografia. Cadernos de pesquisa, São Luís, v. 31, n. 2, p. 1-28, abr./jun. 2024. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- NETO, Geraldo Menezes. Das bordas para o centro: as contribuições de Cláudio Cardoso (1962-2020) para a literatura de cordel no Pará nas duas primeiras décadas do século XXI. Revista Sentidos da Cultura, Belém: v. 11, n. 20, p. 15-32, jan/jul, 2024. Disponível em: [Das bordas para o centro: as contribuições de Cláudio Cardoso \(1962-2020\) para a literatura de cordel no Pará nas duas primeiras décadas do século XXI | Revista Sentidos da Cultura](#). Acesso em: 3 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Leticia Fernanda da Silva. A construção das personagens femininas nos cordéis de Maria das Neves Batista Pimentel. Revista Boitatá, Londrina, PR, v. 11, n. 22, p. 192–205, out, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31285>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. Metodologia científica: Um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão, GO: UFG, 2011.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. Rio de Janeiro: Ministério da agricultura Serviço de informação agrícola. 1953.
- ROMERO, Sílvio. Estudos sobre a poesia popular do Brasil. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1888.
- ROSA, João Jesus. Música popular e identidade nacional: Discurso e contradiscurso na ditadura militar. Belém: Editora Cejup, 2006.
- SÁ, Bianca Floresta de. Autoetnografia: Ensaio sobre o método. Uberlândia: UFU, 2024.
- ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a "literatura" medieval. Tradução: Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.